



FOLHA INDEPENDENTE, FEITA PARA TODA A GENTE  
NÃO SE VENDE — COMPRA-SE

REDACTORES: ADÃO — EVA — ABEL — CAIM — MILEZERO

LISBOA, 12 DE JANEIRO DE 1923

N.º 2 — Vol. I — ANO I

Assinaturas: Trim. 15\$00 — Sem. 30\$00  
Ano: 60\$000

Avulso: 50 centavos, meia coroa  
ou 500 réis

Red. e Adm. TRAVESSA DA QUEIMADA, 34, 1.º

Editor: JOÃO LEMOS DE NAPOLES

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Comp. ofic. «Sociedade Nacional de Tipografia», Rua do Securo, 49, Lisboa — Lit. «Castro & G.», Sucessores — Trav. Pedras Negras, 1

## EUGENIO DE CASTRO



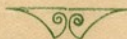
MAGO ARTIFICE DE FILI-  
GRANAS DE MUSEU.

NA MOCIDADE FOI OURIVES  
E CINZELADOR DE ENDEXAS  
IMPECAVEIS.

DESDE QUE USA OCULOS  
DEU-LHE PARA FAZER "CRAVOS  
DE PAPEL".

SE AS MANAS PIRES SA-  
BEM DISSO, AS EDIÇÕES ESGO-  
TAM-SE...

Eva





FOLHA INDEPENDENTE FEITA PARA TODA A GENTE

NÃO SE VENDE - COMPRA-SE

REDACTORES: ADÃO-EVA-ABEL-CAIM-MILITERRIO

N.º 2 - Vol. 1 - Ano 1

LISBOA 12 DE JANEIRO DE 1911

Assinaturas: Trimestre 1500 - 6m 3000

Ano 6000

Est. e Imp. TRISTÃO DE DEUSILVA

Editor: João Lemos de Nogueira

REMOVA-SE DE VERGAS E SERRAS-FERRAS

Avulsos: 50 centavos, mais correio  
de 500 reis

Publicação: toda sexta-feira, exceto nos dias de festa e de greve. Preço de venda: 500 reis. Preço de assinatura: 1500 reis por trimestre, 3000 por semestre, 6000 por ano. O preço de venda e de assinatura é em dinheiro e não em cheque.

# EUGENIO DE CASTRO

MAGO ARTIFICE DE FILI-  
GRANAS DE MUSEU.  
NA MOÇIDADE FOI OUVIVES  
E CINZELADOR DE ENDEIXAS  
IMPECAVEIS.  
DESDE QUE USA OCULOS  
DEU-LHE PARA FAZER CRAVOS  
DE PAPEL.  
SE AS MANAS PIRES SA-  
BEM DISSO AS EDIÇÕES ESGO-  
TAM-SE...



# A Exposição do Rio



Sempre a mesma lama!



Mais célere que uma mudança ministerial ou os comboios rapidos da linha de Cascais, desde que foram entregues à dietética do sr. Fausto de Figueiredo, a noticia do aparecimento da *Paródia* causou no espirito publico uma profunda sensação de alegria, tendo muito politico solerte arrebitado a orelha na perspectiva desta tempestade periódica de troça e arte a quinhentos réis.

Constituiu assim o aparecimento desta folha o assunto da Semana e não fora esse facto, ver-nos-iamos amargurados em dificuldades para encontra-lo, porque hoje em Portugal o assunto do registo bem-humorado da *Paródia* já não sai uma vez por semana, como a lotaria da Santa Casa. E' um assunto permanente, constante, de pingadeira, conta-gotas, e embora revista por vezes caracteres aparentemente diferenciados, no fundo é sempre o mesmo.

O país enferma dum mal geral orgânico. A exposição do Rio, os Bairros Sociais, os Transportes Marítimos, o emprestimo das 250.000 libras, a paivaponização do Rossio, et cetera, são outros tantos furúnculos do estado patológico do país que os sociólogos teimam em chamar «decomposição», e nós simplesmente — maus humores... que hão de sair.

A *Paródia* julga ter vindo prestar aos seus concidadãos um serviço útil, recolhendo os efeitos da grave molestia do corpo social, coordena-los, e depois de devidamente penteados, traze-los pelo lapis á presença do respeitavel, para que o respeitavel veja que especie de postemas aleijam o seu sentimento moral.

Satisfeita, porque veiu ao encontro da vontade pública, a *Paródia* mostra-se desvanecida, como é propria da gente de boas maneiras, e encorajada por tanta prova de afecto serve neste número um novo apontado de eiteitos.

Todavia a *Paródia* julga dar uma prova da sua sincera dedicação pela causa do povo, advertindo este, desde já, que o campo politico *está podre*...

Esta revelação importa talvez a necessidade immediata de mandar passar-lhe uma charrua, fazer um alqueive e afim de aprobeitar-lhe o estrume semear-lhe favas...

Mas convem advertir os incautos para que não se atolem, pondo-lhe um letreiro com estes dizeres:

AQUI ESTÁ ENTERRADA  
UMA ESTRUMEIRA  
NÃO REVOLVER O SOLO

A *Paródia* protesta energicamente contra a idéa do sr. Augusto de Castro, director do *Noticias*, de oferecer um banquete ao «ilustre» director do *Mundo*, Conde Urbano Rodrigues. Toda a gente conhece os sentimentos politicos do sr. Urbano, inimigo das instituições, cuja sanha reaccionária o levou até aos extremos de ter arranjado uma fortuna fabulosa só para comprometer a república. Estes processos jornalisticos não honram muito o seu autor, republicano prehistórico ainda no tempo de seu tio José Luciano de Castro, fundador do Grupo dos 13 que tão denodadamente se bateu em Monsanto, ao lado de Julio da Costa Mota,



Lajamento do muy nobre Conde Urbano  
com a Princesa Dona Umlelete au sucre

o celebre Mota Vigarista, comandante da coluna negra.

O sr. Urbano é um monarchico intransigente, como sempre foi o ex-rei D. Afonso Costa a quem serviu na R. da Alegria e em Paris, e seria uma injuria feita aos sentimentos do povo português, que quere e só quere a república como muito diz Moreira d'Almeida, transigir com os seus figadais inimigos.



Ex-rey Dom Afonso  
Costa no exilio.

Já ha tempos tivemos a tristeza de ver no *Noticias* a idéa duma consagração nacional aos srs. Germano Martins, José de Abreu e Nordeste, todos pertencentes à camara privada do ex-rei D. Afonso. Não só representa um sintoma alarmante do estado mórbido que atravessamos, mas sobretudo um pessimo exemplo aos olhos dos estrangeiros que podem contagiar-se.



*E' numa rua biezra  
a casa da Mariquinhas...  
Tem na sala uma guitarra,  
janelas com taboinhas.*

Vive com muitas amigas  
aquela de quem vos falo,  
e o caso é que são de estalo  
todas essas raparigas!  
E' doida pelas cantigas,  
faz vida como a cigarra,  
se geme o fado à guitarra  
até parece que chora,  
e a casa onde ela mora  
é numa rua bizarra.

Para se tornar notada  
usa coisas exquisitas,  
muitas rendas, muitas fitas,  
e todas de côr variada.  
Pretendida e desejada,  
não pensa em coisas mesquinhas  
nem se rala co'as vizinhas  
que bramam, constantemente,  
por verem cheia de gente  
a casa da Mariquinhas.

A casa é simples, singela,  
não muito bem mobilada,  
mas vou falar-vos do nada  
que corheço em casa dela:  
No vão de cada janela  
uma coluna e uma jarra,  
moveis de forma bizarra,  
quadros de gosto magano,  
e, em vez de ter um piano,  
tem na sala uma guitarra.

Para guardar seu espólio,  
um cofre forte comprou  
e, como o gás acabou,  
o candieiro é de petróleo.  
Limpa seus móveis com óleo  
de amêndoa doce, e as vizinhas  
da casa da Mariquinhas  
tentam ver que lá se passa,  
mas ela tem, por pirraça,  
janelas com taboinhas.

CAIM.

## DESMENTIDO

Recebemos da Arcada a seguinte nota:

«E' completamente falso que alguns elementos civis tenham procurado açambarcar notas do Banco de Portugal de vinte escudos para lhes extrair a prata, e outras de tipo superior afim de extrair-lhes o ouro.

«Alem de representar nma grave injustiça feita aos processos de fabricação da fabrica de Papel Nacional, que não contem a mínima porção de metal, nem sequer representam o valor dum pataco ominoso, o governo lamenta que hajam maus republicanos capazes de darem curso a um boato que não dignifica ninguém, tendo tomado as providencias mais severas, pela pasta do interior, afim de ser punido qualquer individuo encontrado a tentar essa extorsão.

«A imprensa, sem distincão de credos políticos, honrar-se-ha protestando energicamente contra uma calúnia que nos compromete gravemente aos olhos dos estrangeiros e é atentória do decôro da nossa querida república».

(Que o Pinharanda escreva, agite e mande usar).

## Na corda bamba

♦♦♦♦♦

Lemos e copiamos o seguinte anúncio do *Diário de Noticias*:

— Leilão, por motivo de casamento frustrado, de rica mobília, etc.—

E mais adiante estoutro:

— Senhora, proxima a contraír matrimonio, deseja adquirir recheio completo de casa, em boas condições, etc.—

Pois já sabe a senhora onde deve adquiri-lo. Embora para uma noiva seja um mau precedente.

Mais vale comprar móveis procedentes de matrimonio divorciado, porque devem ser mais baratos, que os de matrimonio que não chega a realizar-se.

A unica coisa que não se pode adquirir são louças.

A louça em geral acaba antes do divorcio.

♦♦♦♦♦

Alguns periódicos, falando de D. Virginia Quaresma, escrevem coisas deste jeito:

— Está ali (na Agencia) lutando como verdadeira heroína, gastando as forças físicas...

Lê uma criatura isto e não se atreve a ir lá, com remorsos.

Porque quem ha aí tão valente que tenha coragem de ir espreitar à porta da Agencia para ver uma senhora naquelas despesas de força física com ansia heroica?

E' preferivel enviar-lhe um frasco de ferro Bravais.





PATRIA LACRIMOSA

## O democrático e a bebedeira radical

### DRAMA EM DOZE ACTOS



I

O taberneiro:

— Levas ahí uma litrada como não encontras nas outras.



II

— Foste tu que no 19 de outubro me pregaste uma tacha-da...



III

— Nega lá se és capaz?

— Dê-me um frasco de tinta, mas que não seja tão pegajosa como a do último.  
— Era «tinta simpática». ¿Da que quer agora?  
— Ah! ¿E' simpática a que pega? Então dê-me da mais antipática que tiver.

\*\*\*\*\*

— ¿Que me dizes sobre a questão social?  
— Ora o que te hei-de dizer! E' uma questão de classes em que seremos todos condenados nas custas.

\*\*\*\*\*

— ¿Que estás escrevendo agora?  
— Um drama.  
— ¿E está adiantado?  
— Tenho o esqueleto pronto.  
— Compreendo, E' um drama morto.

\*\*\*\*\*

— ¿O senhor é partidário da pena de morte?  
— Conforme.  
— Não ha opiniões intermedias.  
— Ora essa! Sou partidário desse castigo se se trata da vida alheia: abolicionista, tratando-se da minha pessoa.

— Ande lá para *diente*, é proibido formar agrupamentos.  
— Mas se estou sózinho e uma pessoa só não pode formar grupo...  
— Mas forma-o comigo.

## EFEMÉRIDES

1 Jan. 1876 — Tomada do Politeama por um bando de energúmenos, que se metem imediatamente a tocar música clássica.

2 Jan. 1877 — Invenção do pó de arrós sem fumo pelo general Correia Barreto.

3 Jan. 1432 — José do Vale, célebre explorador, sobe o rio do Cartaxo e descobre-lhe a origem.

4 Jan. 1871 — Primeiro dique no Tejo e abertura dos trabalhos para acabar com aquele flagelo.

5 Jan. 1911 — Nasce o droguista Paiva e Pona, restaurador do Rossio.

6 Jan. 1920 — Maria Pia d'Almeida, a célebre ingénua do Nacional, faz a sua primeira comunhão.



IV

— Então fui eu que me embededei sózinho?



V

— Hein? Eu? Sozinho?



VI

— Não ateimes, não ateimes senão dou-te cabo da sorte!

XII



— Raícs partam! Lá fui eu outra vez enrolado!



VIII

— Ora toma!



VII

— Julgas que não sou capaz?



XI



X



IX

## DE BORLA

O THEATRO NO ESTRANGEIRO

Crónica dramática

## A primeira do «Cíclope»

Tragedia do sr. Eurípides, traduzida á letra por Belo Marreto, poeta grego.

O grande acontecimento da época dramática no estrangeiro é, sem contestação, a primeira representação da tragedia *Cíclope* no teatro Dionisios, de Atenas. O público vai tomando gosto, cada vez mais, por estas tentativas de descentralização artística, incluídas aliás no programa do governo pelo sr. Leonardo Coimbra. Uma multidão entusiástica, que muitos avaliam em trinta mil pessoas, acolheu com frenéticos aplausos esta obra verdadeiramente notável.

Como estamos distantes já daquelas pequenas salas de espectáculos, construídas noutros tempos na Rua da Palma, e que pouco mais comportavam que duzentas pessoas!

O autor da peça é um jovem ainda, o sr. Eurípides, cuja carreira de futuro ha-de ser brilhante. Resumamos o entrecho brevemente:

Toda a gente conhece a aventura de Ulisses (fundador de Lisboa antes do terramoto Paiva e Pona), chegando com os seus companheiros á ilha do Cíclope Polifemo. É portanto inútil conta-la.

Foi muito admirada no entanto a scêna trágica onde Cíclope devora os dois infortunados companheiros de Ulisses. Os gritos das victimas, cortadas aos bocados, pelo monstro, excitaram no público uma indizível emoção. O desespero das familias, ás quais, por uma atenção delicada, foram reservados alguns camarotes, fazia dó ver. Mas a tristeza depressa se transformou na alegria mais exuberante, quando no primeiro intervalo foram distribuídos na sala os restos das victimas. A mim tocou-me um pedaço de rabaílha com que me delíciei.

Os prejuizos, foram todavia cobertos por varias companhias de seguros.

É justo mencionar tambem o côro e as danças dos Sátiros, no ultimo acto. Um certo número de matronas, pertencente ás familias mais notaveis de Atenas e do Pireu, não pôde distarçar o entusiasmo perante uma visão tão realista.

Algumas senhoras saltaram á scêna com gestos desordenados e gritos líbricos. Alguns minutos depois os castos sátiros eram presa daquelas loucas.



Tudo no entanto se passou na ordem mais completa, como nas ultimas eleições paroquiais, não tendo a policia que intervir.

A interpretação agradou muitissimo. Devemos destacar, entre outros, o sr. Robles que no papel de Polifemo se ergueu, segundo a expressão dum escandinavo que assistia á representação, «além das forças humanas».

Quando chegou á scêna, tendo ainda na órbita a fatexa, de alguns metros de comprido, com a qual o temerário Ulisses lhe arrancára o olho, dando urros inarticulados, correu pela sala um arrepio de horror.

Todos os espectadores se ergueram como um só homem e pediram em altos brados a «pirrica» que o sr. Robles dançou a seguir, com aquele monóculo que todos lhe conhecem. Fizeram-lhe então uma ovação entusiástica, e bem merecida, e de tarde teve melhoria de rancho.

Após a representação o sr. Pina, delegado do governo, reuniu no camarote presidencial todos os artistas aos quaes prodigalizou felicitações.

O sr. Robles recebeu a comenda de Santiago e a sr.<sup>a</sup> D. Berta Bivar, que não tem ainda muito talento, mas é já madura. O sr. Brocomides, contra-regra, teve a medalha dos Veteranos da Guerra do Paraguai.

CA/M

N. B.—A redação da *Paródia* declina toda a responsabilidade acerca deste artigo. Foi lançado no correio, segundo se verifica pelas estampilhas, em Atenas no dia 1 de Abril de 441, antes de Jesus Cristo. Recebemo-lo ante-ontem. Cremos crer que a actual situação da Grécia tenha originado este atraso. Mas parece-nos que desta vez houve um pouco de exagero. Aviso ao futuro presidente da república.

## Filosofices

O «FOOT-BALL»

O *foot-ball* aplicado ás mulheres tem encantos apreciaveis. Ha paizes onde o belo sexo faz o seu jogo com mais persistencia do que o sexo barbado. Os homens devem até desenvolver-lhes as tendencias naturais.

Mais vale que elas aperfeiçoem os pés do que as unhas. Emquanto o pé vai e vem folgamos o corpo.

Com unhas afiladas e dentes aguçados é que não ha homem forte que não fique vencido.

O CHAPEU DE CHUVA

O *chapeu de chuva* é um apendice como qualquer outro. Tem vantagens e desvantagens. Uns, querem-no para trazelo no braço. Outros, para enxotar cães e ha tambem os que se servem deles para a chuva.

Ha alguns que os compram para os dependurar no «prego», que é a melhor maneira de ele nos prestar serviços...

Dizem que morreu ha pouco em Inglaterra o seu inventor. Deve estar a estas horas cobrindo a carca de São Pedro com o seu docel ambulante.

Eva.



— Que acto tão curto!  
— Naturalmente! São só três pessoas em scena e por mais que se esforcem...

— Ouve lá, ó 36! Se tivesses que repartir oito kilos de feijão, quatro de grão e dez de batatas entre quatro praças, ¿a que tocariam?

— Tocariam a rancho.

Do *Seculo*, 28 Dezembro:

«A caça está tristemente proibida na região...»

E ha criaturas que osam classificar a caça nos desportos de bom humor!

Se a caça é triste, o pé é alegre, a julgar pelo que escreveu Victor Hugo na *Tristeza de Olimpio*, pag. 247, ed. Nelson:

«O pé encantador dela parecia rir junto do meu!»

E mais adiante, pag. 250:

«Quando a nossa alma, sonhando, nos desce ás entranhas...»

Deve dar uma enterite...

Do *Noticias*, 25 Dezembro:

«Ontem à noite, cerca da 1 hora da madrugada, rebentou um incêndio...»

Do mesmo, acerca dum empréstimo municipal:

«... seria distraída uma percentagem destinada á viação pública, canalisações e outros trabalhos congêneres...»

... e equilaterais, com certeza!

De Victor Séjour, no *Fils de la Nuit*:

«Lembre-se, minha senhora, que aqui é minha mãe e mais nada!»



# Candidaturas à Presidencia



— Ó filha, mas então este chapéu não vale nada?



EDIÇÃO  
 FORMA INDEPENDENTE, FOLHA ÚNICA, TODA A SEMANA  
 NÃO SE VENDE, COMPRA-SE  
 REDACÇÃO: AV. D. JAVIERRE, 100 - LISBOA

1.ª DE JANEIRO DE 1925

Publicação: Trimestral - Preço: 1000

Editor: J. J. de Sousa  
 Editor: J. J. de Sousa



TRAVESSA DA QUEIMADA, 34. 1.ª

LISBOA

RUA DO CARMO, 50. 1.ª

RIO DE JANEIRO



"Contemporânea"

GRANDE  
 REVISTA  
 MENSAL

Este é vendido em todas as livrarias do país e em todas as

NUMERO ESPECIAL

DO  
**NATAL**

O MAIOR SUCESSO LITERÁRIO  
 O MAIS ARTÍSTICO

Preço:  
 ASSINANTES: 10000  
 AVANÇO: 12500

PEDIDOS A: REDACÇÃO  
 R. N. do Almada, 33. 2.ª  
 LISBOA

Candidaturas à Presidencia

EDIÇÃO

DA



TRAVESSA DA QUEIMADA, 34, 1.º

LISBOA

RUA DO CARMO, 59, 1.º

RIO DE JANEIRO



**"Contemporanea"**

GRANDE  
REVISTA  
MENSAL

Está á venda em todas  
as livrarias do paiz o

**NUMERO ESPECIAL**

DO

**NATAL**

O MAIOR SUCESSO LITERARIO  
E ARTISTICO

**Preço:**

ASSIGNANTES.. 10\$00  
AVULSO ..... 12\$00

PEDIDOS A' REDAÇÃO  
R. N. do Almadã, 53, 2.º  
LISBOA